

Jovens urbanos: trajetórias partilhadas de pesquisa (2002/2008)

Urbane young people: shared trajectories of research (2002/2008)

Silvia Helena Simões Borelli (PUCSP)*

Rita de Cássia Alves Oliveira (PUCSP/SENACSP)**

Rose de Melo Rocha (ESPM/PUCSP)***

Resumo

Trata-se de reconstruir um percurso, quase um memorial, da trajetória de investigação sobre jovens urbanos desenvolvida ao longo de seis anos por um grupo de pesquisadores brasileiros, na interface entre os campos da Antropologia e da Comunicação. Partindo da análise inicial sobre concepções juvenis de vida e morte, analisaram-se no desenvolvimento da pesquisa: concepções de jovens e juventudes e seus modos de ser e de viver na cidade, aí se incluindo as narrativas de si e dos outros, a experiência da visualidade e da sonoridade, os modos de agrupamento, a percepção da violência, as práticas de

* Professora/pesquisadora do Departamento de Antropologia e do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais (PUCSP). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq "Imagens, metrópole e culturas juvenis". Pesquisadora do grupo CLACSO "Juventud y nuevas prácticas políticas en América Latina" (2007/2010). Publica livros e artigos no Brasil e no exterior, entre eles: *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. (1996). São Paulo: Estação Liberdade/EDUC/FAPESP; *A deusa ferida. Por que a rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. (2000). São Paulo: Summus. (em co-autoria com Gabriel Priolli, Rose de Melo Rocha, et alii); *Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção, teleficionalidade*. (2002). São Paulo: Summus (em co-autoria com M. Immacolata V. Lopes e Vera Resende); *Culturas juvenis no século XXI*. (2008). São Paulo: Educ (em co-autoria com João Freire Filho); "Telenovelas brésiliennes, matrices populaires et langages audiovisuels". In: *De l'écrit à l'écran*. (2000). Limoges/France: Presse Universitaire de Limoges (Pulim); "Rede Globo: dal monopolio alla formazione di egemonie". (2002). In: *Dal controllo alla condivisione*. Giovanni Bechelloni (a cura di). Roma/Firenze: Mediascape Edizioni; "Big Brother Brésil: l'ombre des telenovelas". (2003). In: *MédiaMorphoses*. Paris: INA, PUF; "Telenovelas brasileñas. Producción, flexibilidad narrativa, recepción" (2005). In: *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*. São Paulo: ALAIC; "Televisión. Una metodología de las mediaciones". (2006). In: *El consumo cultural en América Latina*. Guillermo Sunkel (org), Bogotá: Andrés Bello (em co-autoria com M. Immacolata V. Lopes e Vera Resende); siborelli@gmail.com.

** Doutora em Antropologia, pertence ao Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde atua como docente, orienta trabalhos de conclusão de curso e de Iniciação Científica, participa da investigação "Jovens urbanos: articulações estéticas e ações culturais cidadãs" (grupo CLACSO "Juventud y nuevas prácticas políticas en América Latina" - 2007/2010) e integra o grupo de pesquisa "Imagens, metrópole e culturas juvenis" do CNPq. Pertence ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Design do Centro Universitário SENAC São Paulo atuando como docente na área de Antropologia Visual e como pesquisadora e coordenadora da investigação "Design, metrópole e culturas juvenis"; também lidera o grupo de pesquisa em Design e Cultura no CNPq. Possui diversos artigos publicados sobre a temática juvenil, especialmente sobre intervenções urbanas (pichação e graffiti), usos dos corpos e apropriações da cidade, adotando sempre a dimensão antropológica para pensar os conflitos cotidianos e as práticas políticas contemporâneas; e-mail: ritacaoalves@gmail.com

*** Coordenadora adjunta do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. Professora do Departamento de Arte da PUCSP. Pesquisadora do grupo CLACSO "Juventud y nuevas prácticas políticas en América Latina" (2007/2010). Doutora em Ciências da Comunicação (USP), com pós-doutorado em Antropologia (PUCSP). Tem diversos artigos e capítulos publicados, como nos seguintes livros: *Comunicação e Culturas do Consumo*. (2008). São Paulo: Atlas (organizado por Maria Aparecida Baccega); *Culturas juvenis no século XXI*. (2008). São Paulo: Educ (organizado por Silvia H. S. Borelli e João Freire Filho); *Os meios da incomunicação*. (2005). São Paulo: Annablume (organizado por Norval Baitello, Malena Contrera e Eugênio Menezes) – e como nos seguintes periódicos: *Revista Famecos*; *Revista Comunicação e Educação*; *Revista E-Compós*; *Revista Comunicação Midia e Consumo*. rocha@espm.br.

consumo e suas diferentes expressões estético-culturais, com ênfase no caráter político destas últimas.

Palavras-chave

Juventudes; cidade; consumo cultural; violência; estética

Abstract

It is about reconstructing a path, almost a memorial, of the investigation trajectory about urban young people developed throughout six years by a group of Brazilian researchers, on the interface among Anthropology and Communication fields. Taking from this initial analysis on about youthful conceptions of life and death, it was analyzed in the research development: conceptions of youth and young people and its ways of being and living in the city, including the narratives from themselves and others, the experience of visibility and sonority, the ways of grouping around, the perception of violence, the practices of consumption and its different esthetical-cultural expressions, emphasizing the political character of the latest ones.

Keywords

Youth; urban life; cultural consumption; violence; esthetic

Ponto de partida: concepções de juventude, experimentação da violência, consumo cultural, vida e morte (2002/2004)¹

Nosso ponto de partida para uma reflexão sobre jovens/juventudes na cidade de São Paulo encontra-se no convite que recebemos, em 2002, do Departamento de Investigações da Universidade Central (DIUC², Bogotá, Colômbia), para participar de uma rede internacional de investigadores e realizar uma reflexão conjunta sobre culturas juvenis em centros urbanos. A proposta articulava-se ao redor de uma pergunta comum – quais as concepções que os jovens têm sobre vida e morte? – que fazia sentido, e ainda faz, pelos expressivos indicadores da existência de jovens na constituição das sociedades atuais – por seus altos índices de mortalidade e presença maciça na composição das taxas de violência e criminalidade, ora como vítimas, ora como protagonistas – e, ainda, por sua significativa participação nas construções estéticas e culturais da contemporaneidade.

Além disso, os jovens formam um grupo especialmente atingido pelas rapidíssimas transformações no panorama das culturas contemporâneas, em especial

¹ Equipe de pesquisa: Sílvia Helena Simões Borelli (coordenadora, PUCSP), Rosamaria Luiza de Melo Rocha (coordenadora, ESPMSP/PUCSP), Gislene Silva (UFSC), Josimey Costa da Silva (UFRN), Rita Alves Oliveira (PUCSP/SENACSP), Rosana de Lima Soares (ECAUSP). Com a participação do pesquisador Marcel Maggion Maia, como coordenador do campo, e dos bolsistas PIBIC/CNPq/PUCSP Francisco Romero Neto, Mariana de Stefano, Marina Mendes Cardoso.

² Hoje IESCO (Instituto de Estudios Sociales Contemporâneos. Universidad Central Bogotá, Colombia).

aquelas relacionadas às novas mídias e tecnologias; e pareceu-nos fundamental ampliar a compreensão de seus códigos, sensórios e ordens de sensibilidade, modos de ser e de viver o cotidiano, entrelaçados pelo sentido de urgência, destemor, ousadia e desassossego, pela oscilação entre esperança e desencanto, pelo desemprego e consumo inviabilizados e por uma controvertida inserção no campo político.

Tendo em vista a complexidade desse cenário, nosso projeto de inserção na citada rede internacional de pesquisadores ampliou o foco e, aproveitando algumas experiências de pesquisa já acumuladas (Borelli e Ramos, 1985; Borelli, 2000; Rocha, 1992; Rocha, 1998), se propôs a investigar as concepções de jovens urbanos sobre vida e morte, articuladas a uma busca teórica apta a conceber jovens/juventudes e a relacionar vida e morte à experimentação da violência e ao consumo cultural³.

O diálogo teórico privilegiou o *cultural studies*, vertente britânica do marxismo cultural e das práticas políticas da *New Left*, em especial Williams (1979, 1992) e Hoggart (1973); seus reconhecidos precursores, Bakhtin (1981, 1987, 1992, 1993) e Gramsci (1986, 2000); e, como sucessores, Martín-Barbero (1997a, 1997b, 1998, 2001) e García Canclini (1990, 1995), considerados representantes dos estudos culturais latino-americanos. Presente, ainda, uma sociologia da cultura francesa – Bourdieu (1991, 1998) –, assim como as contribuições, também francesas, de Certeau (1994, 1995) e Morin (1975, 1976, 1984).

Dessa maneira, as concepções de juventude, vida e morte, experimentação da violência e consumo cultural, foram tratadas teoricamente no âmbito da cultura e captadas pelas narrativas que os jovens faziam de si mesmos, dos outros e de sua inserção na vida cotidiana da metrópole; assim como, os bens culturais produzidos e/ou consumidos e apropriados pelos jovens se apresentaram como base e fundamento na compreensão de suas formas de representação e ordens imaginárias. Em outras palavras, os repertórios por eles acumulados, durante suas trajetórias de vida e de vida cultural (Lopes, Borelli e Resende, 2002), tornaram-se suportes de seus relatos sobre ser jovem, experimentar a violência e o consumo cultura e conceber vida e morte.

O princípio de tratar as concepções teóricas no âmbito da cultura e articulá-las às narrativas juvenis expressa uma postura epistemológica em que teoria e metodologia encontram-se intrinsecamente conectadas, em busca da fina sintonia, na qual o princípio

³ O projeto foi encaminhado para avaliação da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em maio de 2002, e teve o auxílio à pesquisa concedido para o período de 2002 a 2003; o relatório final foi aprovado em 2004, com indicação para publicação; e o livro se encontra no prelo (Borelli, Rocha, Oliveira, et alli, 2009).

teórico demanda a construção de um particular protocolo metodológico de investigação e prática de pesquisa; e este requer, por sua vez, que novas articulações teórico-conceituais sejam propostas, para a finalização da análise dos resultados.

Na definição do protocolo metodológico foram selecionados jovens entre 15 e 24 anos – incluindo os que desempenhavam alguma função efetiva de liderança ou atuavam como formadores de opinião –, moradores da cidade de São Paulo, em bairros com realidades socialmente díspares, como Jardim Ângela, Cidade Dutra, Capão Redondo, Vila Madalena, Pinheiros, Perdizes e Lapa, das regiões sul e oeste da metrópole⁴. A delimitação deste universo de pesquisa – jovens urbanos moradores da cidade de São Paulo, em zonas de contraste sul e oeste – levou ainda em consideração variáveis como faixa etária, tipo de moradia, gênero, etnia, origem familiar, trajetória educacional, preparação e/ou inserção no mundo do trabalho, assim como consumo cultural e práticas de lazer.

Numa aproximação multimetodológica e multidisciplinar foram coletados dados quantitativos (pesquisas já realizadas em diversos campos do conhecimento, estatísticas oficiais de organismos governamentais e não governamentais, entre outros) que fossem capazes de mapear o cenário de fundo onde se inserem os objetos/sujeitos envolvidos na investigação. O protocolo privilegiou, entretanto, a análise qualitativa e a crítica cultural, por meio da observação da cotidianidade, a apreensão de narrativas e relatos de diversas ordens, produzidos e apropriados por jovens urbanos, e a construção de ferramentas conceituais e instrumentais capazes de garantir a melhor adequação às condições de pesquisa de campo. Tratamos de compartilhar e interagir com os jovens em seus próprios contextos culturais cotidianos e em situações especialmente organizadas para a coleta de informações.

Nesse sentido, as técnicas de pesquisa combinaram tanto modalidades quantitativas como qualitativas: questionários estruturados⁵, entrevistas em

⁴ O corpus da pesquisa tomou como ponto de partida a leitura e análise do Mapa de Exclusão/Inclusão da Cidade de São Paulo (Sposati, 2000) que indicou a possibilidade do tratamento da classe social e dos mecanismos de inclusão/exclusão juvenil, pelo local de moradia e pelo contraste das condições sócio-econômicas e culturais entre as regiões selecionadas.

⁵ Busca intencional de cerca de 60 jovens em seus locais de origem (regiões sul e oeste) para mapeamento de dados gerais (faixa etária, moradia, condições sócio-econômicas, gênero, etnia, origem familiar, trajetória educacional, relações com o mundo do trabalho, experimentação da violência, concepções de vida e morte, consumo cultural e práticas de lazer).

profundidade⁶, observação etnográfica⁷, oficinas de discussões em grupo⁸ e procedimentos que possibilitassem a compreensão das lógicas das narrativas e práticas juvenis. Ressalta-se desse protocolo metodológico a busca diferenciada dos jovens tanto em locais de origem, quanto em pontos de fluxo. A pesquisa contou ainda com a organização de dois bancos de dados, um deles iconográfico, outro sob o formato de um *clipping*. Realizaram-se igualmente estudos de caso referentes a uma análise midiática (TV, mídia impressa, etc.). Ressalta-se que os relatos juvenis foram, para esta pesquisa, lugares epistemológico e metodológico privilegiados para observar suas representações e formas de socialidade, numa etnografia dos usos que investigou os movimentos de rupturas e continuidades, de enraizamentos e deslocamentos.

Explicitadas as principais escolhas teórico-metodológicas é possível agora apresentar alguns dos resultados alcançados nesta etapa dos trabalhos, relativos às concepções de juventude, à forma como os jovens configuram e experimentam a violência, a vida e a morte e como negociam os sentidos atribuídos pelo consumo e seus mecanismos de inclusão e exclusão.

Jovens urbanos/Juventude

Ser jovem é responder por inserções singulares e experimentar, de forma conflituosa a hierarquia de classes, as desigualdades sociais, a exposição à violência, as condições de gênero e etnia, o acesso ou exclusão ao consumo cultural. Entretanto, ser jovem significa também considerar certas características capazes de configurar alguns padrões comuns a jovens em diferentes condições sociais, entre eles, conflitos geracionais, linguagens próprias, rebeldia, heroísmo e aventura, adesão ao movimento e ao jogo, ligação ao presente e rejeição ao passado, certa recusa à experiência, auto-

⁶ Como instrumento qualitativo de coleta adotado em três situações de pesquisa de campo: 1. aplicada para jovens selecionados a partir da análise dos questionários estruturados, respeitando a diversidade de critérios: faixa etária, locais de moradia, condições sócio-econômicas, gênero e etnia; 2. como instrumento de coleta para a busca intencional em territórios juvenis (pontos de encontro e de sociabilidade: clubes, bares, quadras de esporte, shopping centers, praças); 3. na abordagem dos jovens formadores de opinião e lideranças comunitárias.

⁷ Incorporada em três momentos da pesquisa de campo: 1. na definição/consolidação de características, formas e alternativas de sociabilidade, sensibilidade e visualidade manifestadas nos territórios juvenis; e como prévia para realização de entrevistas em profundidade; 2. como instrumento complementar de coleta de informações nos locais de origem dos jovens; 3. filtro para seleção dos participantes nas oficinas de discussão.

⁸ Como meio para promover a interação entre os jovens selecionados; tal seleção considerou a diversidade geográfica, cultural, geracional, étnica e de gênero, que define o universo empírico pesquisado (jovens de 15-17 e 18-24 anos, homens e mulheres, moradores das regiões sul e oeste da cidade de São Paulo).

realização e exaltação da vida privada, ideal de beleza, amor e felicidade, juvenilização e longevidade juvenil (Morin, 1984).

Nesse sentido, as alternativas propostas – jovens e juventudes ao mesmo tempo como referências singulares e gerais – devem dialogar entre si de forma a evitar a exclusão ou correr o risco de compreender a juventude apenas como “etapa, ponte, momento sem consistência ou identidade reduzido a uma mera transição entre grupos de idade” (Martín-Barbero, 1998:23).

Esclarecemos que o conceito de identidade aqui acionado não supõe qualquer conotação de homogeneidade; pelo contrário, reforça a heterogeneidade, a diversidade cultural e a existência de múltiplas juventudes particulares:

Em nenhuma parte do mundo a juventude representa um bloco homogêneo capaz de responder por um conjunto de categorias fixas (...) [Os jovens] trabalham, vão à escola, abraçam algumas causas, mas os referenciais identitários não passam pela fábrica, pela escola, pelo partido. A identidade está em outra parte. São identidades móveis, efêmeras, mutantes, capazes de respostas ágeis e, por vezes, surpreendentemente comprometidas (Reguillo, 1998: 58).

O que se reivindica do ponto de vista conceitual é que os jovens possam emergir não pela negação, pelo “não ser” – criança ou adulto – mas por um estatuto afirmativo que procure dar conta daquilo que realmente representam ou, em outras palavras, da “emergência da juventude como ator social, com estatuto próprio, sensibilidade e expressões próprias, trânsitos urbanos, apropriações e resignificações” (Cubides, Toscano e Valderrama, 1998:X).

Ser jovem é buscar pertencas em coletivos juvenis e descobrir novas formas de “estar juntos”; alguns jovens, em especial aqueles que vivem em grandes cidades, articulam-se preferencialmente em redes de “socialidades” (Maffesoli, 1987), buscando alternativas mais autônomas, e por vezes autogestionárias, de “estar juntos”; o objetivo aparente na formação destes coletivos é o de questionar relações sociais institucionalmente constituídas e imprimir uma marca de independência frente às organizações formais da sociedade. Enquanto muitas das instituições sociais privilegiam o que tem sido conceituado como “sociabilidades” – “indivíduos e suas associações contratuais” –, a “socialidade vai acentuar as dimensões afetiva e sensível, onde se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos” (Maffesoli, 1987:101-102).

Por meio das redes de socialidade, alguns coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem. Alteram e transformam as estruturas e características originais dos cenários urbanos pela ação da música, teatro,

leituras e narrativas, dança e arte popular urbana, entre elas: grafites, pichações, stickers⁹ (Oliveira, 2006); intervêm em movimentos voltados para a ecologia, o meio ambiente, as novas ordens planetárias, entre outras alternativas de participação que adquirem um caráter político por sua intencionalidade e pelas formas por meio das quais se apropriam dos espaços públicos transformando-os, mesmo que efemeramente, em “lugares seus”.

Uma das características significativas para o conjunto dos resultados diz respeito à paradoxal tensão entre nomadismo e gregarismo. Os jovens oscilam entre “ser nômades” – ganhar a rua, atravessar a cidade, conhecer o mundo para além das fronteiras territoriais – e gregarismo – voltar para casa, buscar refúgio e segurança, reconstruir redes de sociabilidade (Borelli et alii, 2007). Das características nômades, destacam-se: o deslocamento espacial e geográfico ou (des)espacialização (Martín-Barbero, 2001); novas referências para uso das temporalidades – “nativos do presente” e/ou “multiculturalidade temporal” (Maffesoli, 2000), viver tempos de passagem, alternância momentânea, simultaneidades, (des)centramentos (Martín-Barbero, 1997b); e um tipo de nomadismo sensorial, apto a absorver fluxos, filtrar e aparar os “chocs” (Benjamin, 1989), a equacionar a vida cotidiana tensa e intensa, em especial em relação com a cidade e com as tradicionais e recentes mídias.

Uma outra importante referência para o conjunto dos resultados diz respeito à inclusão produtiva dos jovens ao mundo do trabalho. É possível detectar uma tendência: os jovens, principalmente os de poder aquisitivo e capital cultural elevados, têm permanecido na casa dos pais por mais tempo do que as gerações anteriores. Têm a oportunidade de prolongar o período de estudos, demoram a ingressar no mercado de trabalho¹⁰, relutam em assumir os compromissos e responsabilidades constitutivas do mundo adulto (relações afetivas mais duradouras, filhos) e acabam por usufruir uma série de vantagens inerentes a uma condição de vida dos setores sociais médios e altos¹¹.

⁹ Os stickers são pequenos adesivos com imagens produzidas por jovens em diferentes centros urbanos; são em geral colados em postes, placas de sinalização, muros e paredes, como formas de apropriação e intervenção urbanas.

¹⁰ Segundo IBASE/PÓLIS (2005), dos jovens (15-24 anos) que informaram não estar trabalhando, 62,9% informaram estar à procura de trabalho. Se forem considerados, entretanto, o segmento social desses jovens observa-se que há uma significativa discrepância entre os mais ricos e os mais pobres. Enquanto os primeiros estendem sua entrada no mercado de trabalho os últimos procuram acelerar esta experiência. Assim, 69,5% jovens das classes D/E e 65,6 da classe C estavam procurando trabalho, enquanto 49,6% das classes A/B se encontravam na mesma situação.

¹¹ O Dossiê Universo Jovem III, MTV (2005), revela que 71% dos jovens entre 15 a 30 anos têm pouca ou nenhuma vontade de sair da casa dos pais, apesar do índice já ter sido maior em 1999 (82%). O mesmo estudo ainda indica que 23% dos jovens da amostra estão casados e/ou vivem com companheiro(a), sendo que esse número cai para 7% se for considerada apenas a classe A.

Entre os jovens de classes populares, entretanto, a continuidade dos estudos e o adiamento da entrada no mercado de trabalho formal ou informal passa a ser um horizonte de expectativas e não propriamente uma condição de vida concreta, passível de realização. Sabemos que o trabalho, para esses jovens e suas famílias, insere-se na vida cotidiana como uma necessidade, nem sempre acessível, e que a perspectiva de continuar estudando é desejável, mas ainda deveras remota¹².

A criminalização e o estigma da violência

Dentre os diversos aspectos que se apresentam à análise desta problemática, chama atenção, ao confrontarmos percepções correntes, representações midiáticas e as próprias narrativas juvenis, a tensão entre protagonismo e vitimização (Rocha, 1998; Rocha e Silva, 2008). Assim, embora as estatísticas brasileiras apontem claramente para a quantitativa vitimização de homens jovens por atos de violência criminal, cristalizou-se um imaginário social no qual se associa o segmento juvenil – em especial as classes populares – à condição de protagonistas da violência e, mais ainda, à constituição de uma ameaça indiscriminada a toda a sociedade. A criminalização da juventude toma a dimensão de verdadeiro estigma social. Perniciosamente, pode-se identificar em caminho complementar, a adoção por alguns jovens desta atribuição estigmatizadora como estratégia de afirmação de identidades assumidamente desviantes.

A noção de que a percepção e a prática da violência, no cotidiano, estão hoje irreversivelmente marcadas por um novo regime de organização e visibilidade, que se caracteriza pela constituição socializadora, midiaticizada e estetizada.

Além disso, a experimentação da violência encontra-se relacionada a outros fatores de conexão: às variações na conformação e percepção sobre vida e morte; às apropriações e (re)elaborações entre os universos documental e ficcional; à estetização da violência e cultura do risco; às dinâmicas de inclusão/exclusão; às funções de socialização e desintegração.

Consumo Cultural

O consumo foi concebido de maneira ampla: como escolhas e apropriações simbólicas; aquisição e uso de mercadorias; espaço para pensar e refletir, constitutivo e

¹² Segundo a mesma pesquisa IBASE/PÓLIS, e considerando a faixa etária, 60,6% dos jovens que têm entre 18 e 20 anos e 47,7% dos que têm 21-24 anos de idade não trabalham. Dos jovens entre 15-17 anos, idade destinada à escolarização, 22,2% estavam trabalhando.

constituente do imaginário juvenil; base para compreender suas concepções de vida e morte; e importante na definição dos estilos de vida e na estruturação das narrativas juvenis.

A relação consumo simbólico/vivência urbana explicitou-se por meio de um cotidiano de culto a mobilidade espacial e de circulação constantes em busca de atividades de lazer, nem sempre disponíveis em bairros de periferia.

As narrativas juvenis relacionaram consumo, exclusão e desigualdade e os jovens apresentaram, por vezes, uma acentuada percepção crítica sobre as dinâmicas da exclusão social que caracterizam uma cidade, como São Paulo, e uma sociedade, como a brasileira, marcadas por forte distinção de classe social. Contudo e paradoxalmente, os jovens criticavam a sociedade de consumo ao mesmo tempo em que desejavam, via o próprio consumo, a inclusão econômica e sócio-cultural e o acesso aos bens materiais e simbólicos.

Um dos marcos significativos desta dinâmica de inclusão/exclusão situava-se na relação que se estabelecia entre os jovens e as tradicionais e novas tecnologias. A televisão, bastante criticada, ocupava – como ainda ocupa –, boa parte do tempo livre da vida doméstica cotidiana. A internet já se tornava um lugar de evidente convívio social, além de meio de comunicação e fonte privilegiada de informações; os celulares, jogos eletrônicos, RPGs, permitiram uma reflexão sobre absorção/dispersão da atenção, perda/redirecionamento das noções de espacialidade e temporalidade, equacionamento dos limiares entre real/virtual e as indagações permanentes sobre como este “mundo novo” dará conta dos processos de aprendizagem, da restituição das tradições, da memória e do passado, no torvelinho de um presente quase permanente.

O consumo também esteve vinculado aos “estilos pessoais”; visual e vestimentas considerados como expressões das singularidades, individualidades; possibilidade de manifestação de estilo próprio, capaz de desenvolver estratégias de aquisição como alternativa às imposições das mídias e dos padrões homogeneizadores. O corpo emergia como depositário de símbolos e de narrativas e, muitas vezes, adequado aos padrões de beleza: mais como rendição e menos como contraposição (tatuagem, *piercing*, cirurgias plásticas, bulimia).

Em síntese, o consumo articulava-se às condições de produção, sociabilidades, expressões das subjetividades, relações com as novas tecnologias, articulações entre local e global e, também, como espaço de interseção entre "cultura oficial" e "manifestações independentes".

Confirmou-se o princípio de que os bens culturais consumidos pelos jovens apresentam-se como base significativa para a compreensão dos sentidos atribuídos a vida e a morte, mas também aos variados afetos, pertencas, expectativas existenciais, hábitos e práticas do dia-a-dia. Foram ainda mapeadas as dinâmicas de apropriação dos bens culturais e seu papel na definição de estilos de vida, identificando de que maneira os elementos da produção e do consumo cultural estruturaram seus relatos sobre a vida cotidiana.

Concepções de vida e morte

As concepções de vida e morte explicitaram-se nas relações que os jovens estabeleciam com as peculiaridades da experiência urbana contemporânea; com o papel das mídias na vida cotidiana dos jovens e de suas famílias; com os espaços e tempos de socialização; com o desenvolvimento de novas formas de sensibilidade; e, ainda, com as variadas expressões místico-religiosas tão fortes e marcantes no cenário de diversidade cultural e religiosa, de uma cidade múltipla e diversa como São Paulo.

Para finalizar o relato referente à primeira etapa dos trabalhos de investigação sobre jovens urbanos, observa-se que ela nos permitiu consolidar e a divulgar¹³ uma reflexão acadêmica no diálogo e na fronteira com a produção do conhecimento nos campos das ciências sociais, em especial da antropologia, assim como da comunicação; ressaltam-se, ainda, outras interlocuções de caráter bissexto com a temática da juventude nas áreas da educação, psicologia e serviço social – esta última, via produção de material dirigido à implantação de políticas públicas, em nível federal, voltadas para a juventude e a adolescência (Borelli et alii, 2007).

Imagens, sons e experimentações da vida metropolitana (2005/2006)¹⁴

Fundamentos e histórico da exploração imagética

A análise privilegiada neste estudo reconhece a centralidade de dois vetores de caráter macro na caracterização das culturas juvenis brasileiras: as paisagens

¹³ Informamos que alguns resultados parciais desta etapa inicial de investigação já se encontram disponíveis, assim como outros desdobramentos relacionados à temática dos jovens e das juventudes: Borelli (2006, 2007, 2008); Borelli e Rocha (2003, 2004, 2005, 2008); Borelli e Freire Filho (2008); Borelli e Oliveira (2008); Borelli, Oliveira, Rocha et alii (2009).

¹⁴ Equipe de pesquisa: Sílvia Helena Simões Borelli (PUCSP), Rosamaria Luiza de Melo Rocha (ESPMSP/PUCSP), Rita Alves Oliveira (PUCSP/SENACSP), Simone Luci Pereira (FECAP/MUSIMID) e dos bolsistas PIBIC/CNPq/PUCSP Mariana de Stefano, Pedro Gomes, Euzébio Santos Silva e Tais Rodrigues da Silva.

audiovisuais e as experimentações da vida metropolitana. Estes elementos que nos orientaram em termos conceituais e nos serviram de importante referência na constituição de marcos e ferramentas metodológicas, dialogaram efetivamente com os resultados que, passo a passo, eram obtidos nas diferentes etapas de pesquisa, sendo, portanto, provenientes tanto de levantamentos bibliográficos, quanto da coleta de dados documentais. Em sentido complementar, e não menos relevante, eles advêm das próprias narrativas juvenis levantadas e também se identificam desde os diferentes recursos de cunho etnográfico que utilizamos na abordagem de setores juvenis na cidade de São Paulo.

Ao iniciar esta pesquisa, especialmente quando nos preparávamos para os primeiros trabalhos de campo e, posteriormente, para a análise dos dados dali resultantes, já pressupunhamos que refletir sobre as *concepções de vida e morte*, que compõem o imaginário e demarcam o modo de ser e viver dos jovens urbanos, implicaria em voltar nossos olhos para as práticas de visibilidade e para as diferentes linguagens e dinâmicas comunicacionais que envolviam o cotidiano destes meninos e meninas.

Por motivos como este, a pesquisa iconográfica foi tornando-se cada vez mais presente e relevante durante o desenvolvimento da investigação. Assim, durante a aplicação das entrevistas em profundidade passamos a fotografar os entrevistados, buscando compor um conjunto de imagens que caracterizassem a amostra e que pudessem ser alvo de estudos cruzados de base qualitativa.

Também havíamos percebido, durante o exaustivo processo de tabulação dos dados obtidos através dos questionários, a confirmação do papel articulador desempenhado pelas imagens na cognição juvenil. Era notável, ao tratar esta plêiade narrativa, a presença recorrente e o caráter estruturante – oferecendo explicações e explicitando visões de mundo preciosas – que se podia aferir desde as listagens (quantitativas e qualitativas) de programas de TV assistidos, de filmes mais cultuados, de revistas ou CDs de preferência. Ambos nos ofereciam uma iconografia e uma cartografia subjetiva rica em símbolos, valores e idéias, partilhados e individuais, que compunham com incrível potência o imaginário juvenil. Deste modo, além dos registros fotográficos, saímos em busca de dezenas de imagens gráficas que nos oferecessem alguma materialidade dialógica com as narrativas juvenis coletadas, sendo reveladoras de suas práticas, hábitos e dinâmicas de consumo cultural. O levantamento iconográfico realizado a partir destas referências considerou, em termos de seu aporte conceitual, o

consumo cultural como ponto de partida para compor um conjunto de imagens que refletissem tanto as materialidades comunicativas que compunham suas vidas, quanto o museu imagético que mobiliava, simbolicamente, o imaginário dos entrevistados.

Inseridos numa cultura na qual a visibilidade ocupa lugar cada vez mais importante na constituição dos processos cognitivos e identitários, confirmamos ainda que a corporalidade vai, principalmente, expressar e suprir as necessidades de inclusão, pertencimento e diferenciação que envolvem, por exemplo, as inseguranças da entrada na vida adulta. O corpo do jovem, de modo geral, carrega as principais chaves simbólicas que eles criaram e que reconhecem como próprias. Estas marcas e códigos compõem um dos elementos centrais do processo de segmentação que caracteriza a diversificação das culturas juvenis.

O registro fotográfico dos objetos pessoais que os entrevistados carregavam consigo no momento da conversa com os pesquisadores tentou mapear, por um lado, os elementos que ajudam a compor o estilo de vida de cada um e, por outro, buscou identificar os objetos que esses novos *nômades contemporâneos* carregam consigo durante o transcorrer do dia. São mochilas, carteiras, bolsas, chaves, óculos e telefones, entre outros, que auxiliam a delimitar o universo do consumo simbólico (García Canclini, 1995; Featherstone, 1995) destes jovens. São objetos que compõem marcas identitárias; através deles é possível lermos os valores, desejos, projeções e identificações deste imaginário juvenil.

Ampliando o escopo de investigação: os bancos imagéticos

Na etapa que se desenvolveria a partir de 2005, havíamos concluído que, não apenas as específicas acepções sobre a vida e a morte, mas, de modo ampliado, inúmeras concepções juvenis sobre variados aspectos de sua inserção na contemporaneidade implicavam, de per si, em narrativas fronteiriças, tecidas muitas vezes na reapropriação de discursos e formas da cultura massiva e valendo-se, cada vez mais, tanto de recursos de auto-produção, quanto relacionadas à construção de audiovisualidades próprias.

Assim, assumiu-se na investigação, em 2005/2006, uma ênfase na percepção do juvenil que fosse capaz de incorporar as nossas reflexões um estudo detalhado de imagens e sonoridades e, posteriormente, que articulasse os resultados anteriormente obtidos ao investimento no esclarecimento das dimensões da urbanidade que se

evidenciavam como marcadores identitários fortes do modo como os jovens percebiam a si mesmos e aos outros.

No primeiro caso, das audiovisualidades, partia-se de uma constatação. Tinha sido notável, desde as primeiras pesquisas de campo, a forte remissão nas narrativas juvenis a imagens (visuais, auditivas etc.) e a representações (de sentimentos, vivências etc.). Também nos chamava a atenção a larga e relevante presença em seus locais de encontro e circulação de uma profusão de mídias segmentadas e/ou alternativas. Interessava-nos, ainda, organizar, para posterior interpretação, as diferentes construções visuais manifestadas, desde seus corpos, por jovens observados, incluindo a utilização de adereços, o vestuário, as marcas corporais e a gestualidade.

Como recurso de organização e análise dos dados coletados e como ampliação das conclusões advindas da etapa anterior da pesquisa, investiu-se na montagem de quatro *bancos imagéticos* que respondiam a uma questão: do que falam as imagens que consomem, criam e imaginam os jovens investigados? Destes bancos de dados, três eram estritamente iconográficos. Os *bancos iconográficos* continham, respectivamente: 1) *registros fotográficos* realizados em campo (via etnográfica e entrevista em profundidade); 2) *documentos iconográficos* obtidos em campo (via etnográfica); e 3) *imagens midiáticas* referentes a práticas de consumo cultural dos jovens entrevistados (tendo por base os questionários estruturados).

Para dar conta das representações imaginárias, das imagens imaginadas e das imagens através das quais respondiam a perguntas ou questionamentos elaborados em situações de campo, realizamos a organização e montagem de um *banco de recorrências narrativas*, composto dos seguintes arquivos: 1) *arquivo-base* contendo trechos das narrativas agrupados por entrevistado e classificados segundo os temas e sub-temas da investigação; 2) *arquivo de representações imagéticas* selecionadas por remissão às três temáticas da pesquisa; e 3) *arquivo de agrupamento* por variáveis – faixa etária (15-17 ou 18-24), zona da cidade (sul ou oeste) e gênero (masculino ou feminino); e 4) *arquivo de associação* entre as recorrências de representações imagéticas e a síntese crítica de tematizações relevantes para o estudo (vida e morte, cidade, corpo, objetos e mercadorias e práticas e hábitos).

Chegou-se, ao final deste processo, aos arquivos de mais fácil aplicação no que diz respeito ao cruzamento com outros dados obtidos ao longo da pesquisa. Trata-se de dois *arquivos de cruzamentos* dos quais constam, respectivamente: 1) tabelas específicas para as variáveis faixas etárias (15-17 ou 18-24), zona da cidade (sul ou

oeste) e gênero (masculino ou feminino); e 2) tabelas específicas de associação entre as recorrências de representações imagéticas e síntese crítica de tematizações relevantes para o estudo, quais sejam: vida e morte, cidade, corpo, objetos e mercadorias e práticas e hábitos.

Os *bancos de recorrências narrativas*, resultados originais desta etapa de pesquisa, prestam-se, sinteticamente, a duas aplicações analíticas. Permitem, inicialmente, uma leitura, em si, da produção imaginária associada às recorrências de representações imagéticas coletadas. Considera-se, portanto, que deles se extraem dois grandes “mapas” ou cartografias. A primeira cartografia é constituída por extratos das narrativas juvenis, referendados, de modo muito específico, em representações imagéticas sintéticas por eles feitas das temáticas centrais abordadas na pesquisa. A segunda cartografia, elaborada a partir de um tratamento analítico-conceitual da primeira, consiste da identificação, via extratos das representações imagéticas, de associações referentes aos extratos imaginários a elas concernentes.

A vez das sonoridades

Inicialmente o trabalho com as sonoridades apontava para a construção de um “Banco de Textos ‘Letras de Música’” cujo principal intuito era o de mapear estilos musicais juvenis e trabalhá-lo em consonância com a metodologia dos “Bancos de Imagens”. Com o desenvolver do processo, foi sinalizada a elaboração de uma proposta metodológica – em conjunto com a equipe de pesquisa – para levantamento e estudo das recorrências musicais (músicas e afins: CDS, letras, cantores, grupos, bandas) surgidas nas entrevistas em profundidade, nos questionários estruturados e nas etnografias. Conforme os primeiros procedimentos foram adotados para sua realização, constatamos que mais do que um “Banco de Textos ‘Letras de Música’” seria necessário ampliarmos a discussão sobre as músicas no universo juvenil para uma reflexão sobre a sonoridade no universo jovem. Configurou-se, dessa maneira, a intenção de construir um “Banco Sonoro” com o intuito de abarcar de forma mais ampla as possibilidades de análise da pesquisa, proporcionando assim, para além das músicas, um universo mais abrangente para investigar os significados que a escuta pode suscitar.

Recorrer aos sons para revelar os significados das imagens mentais é problematizar sobre o contexto sócio-cultural em que estes sons estão inseridos. Assim, discutir o papel da sonoridade na vida dos jovens urbanos é discutir as características da sociedade contemporânea. A cidade – urbis paulistana –, a violência, o consumo, as

mídias, as novas mídias digitais etc., são componentes importantes no universo empírico da pesquisa sobre as culturas juvenis. Por isso o conceito de *paisagem sonora* (Schaffer, 1991), é de grande relevância para estudarmos o papel do universo sônico no cotidiano dos jovens. *A paisagem sonora diz respeito a todo o universo sonoro a nossa volta e a importância deste conceito está em dar atenção e compreender/sentir os sons do cotidiano.* Schafer (1991) parte do pressuposto de que a música é composta pelos elementos sonoros do entorno. Porém, a *paisagem sonora*, segundo este autor, é composta por sons desejáveis e indesejáveis, isto é, sinais e ruídos. Neste sentido, os sons indesejáveis, os ruídos, precisam ser eliminados de uma *paisagem sonora* que se queira saudável. Por isso, o autor fala do ouvido pensante, o ouvido que sabe selecionar - dentre os sons da *paisagem sonora* - os sons patológicos dos sons saudáveis.

O conceito de *paisagem sonora* contribuiu de maneira significativa no universo da pesquisa sobre jovens urbanos à medida que dá margem para que o pesquisador possa olhar/escutar as narrativas juvenis e o universo que os envolve com novas perspectivas. Estudar a *paisagem sonora* dos jovens urbanos mostra-se como uma investigação relevante na medida em que esta, na sociedade contemporânea, faz parte do cotidiano destes meninos e meninas. As transformações que ocorrem na *paisagem sonora* atual interferem e/ou podem ser apropriadas por estes jovens urbanos. Formata-se assim, no interior da urbis moderna uma íntima relação entre os jovens e os sons.

Como já foi dito na introdução do desenvolvimento do “Banco Sonoro”, partíamos da idéia de construir um banco imagético que remetesse ao universo musical dos jovens urbanos. Também intuímos que as músicas, estilos musicais, cantores, bandas etc., não responderiam, por si só, às demandas do universo simbólico musical que permeia o cotidiano desses meninos e meninas. Assim, por exemplo, sabíamos que analisar interpretativamente as letras de música, ou as preferências musicais citadas pelos jovens, não abrangeriam a totalidade epistemológica da pesquisa sobre culturas juvenis.

A partir daí encaminhou-se as leituras das entrevistas em profundidade, com esse novo foco, buscando assim, recorrências sonoras nas narrativas juvenis. Concomitantemente a isso, buscavam-se critérios para a organização dos respectivos trechos das narrativas. É bom frisar que nas entrevistas em profundidade não foram feitas questões específicas à respeito da *paisagem sonora urbana* – já que esta não era uma preocupação a priori da pesquisa – salvo perguntas particulares em relação à importância ou não da música na vida do jovem entrevistado.

Tendo em mente as referências dos bancos imagéticos, além da busca pelas paisagens sonoras nas narrativas juvenis, iniciamos um processo de classificação que sinalizasse as particularidades de cada ambiente sônico localizados nos trechos das entrevistas em profundidade. Daí, de acordo com a leitura sistemática das entrevistas, verificou que podíamos estabelecer como critério para organização dos trechos das narrativas, as seguintes variantes, a saber: *Sons explícitos específicos*; *Sons explícitos genéricos*; *Sons implícitos*.

Assim, os sons *explícitos específicos*, remetem aos trechos que demonstrem, de maneira clara e objetiva, uma situação de escuta nas narrativas juvenis, como por exemplo, “rock”, “Cazuza”, “Legião Urbana”, “samba”. Os *sons explícitos genéricos*, também demarcam uma situação explícita de escuta, porém não se especifica a natureza da paisagem sonora, tais como: “balada”, “festa”, “ouvir uma musiquinha”. Finalmente os *sons implícitos* se referem a uma *paisagem sonora*, amparada nas subjetividades dos jovens em relação ao mundo que os rodeia, mas sem que eles falem claramente sobre esta escuta ou mesmo que se dêem conta dela. Entre elas: “andar de ônibus”, “ver televisão”, “ir ao cinema”, “assistir TV”, “em minha rua há muito barulho”.

Porém, mais do que serem permeados por esses sons, estes jovens são produtos e produtores dessa *paisagem sonora* na qual estão envolvidos. Por isso, além de ouvir sons, eles os fazem, seja participando das bandas do colégio, cantando ou tocando um instrumento para os amigos, montando um cd para um colega ou experimentando e criando novos sons por meios das mídias digitais.

Por meio do processo de seleção dos trechos das narrativas juvenis que se referiam à sonoridade, notou-se também que os jovens urbanos possuem uma relação, por vezes ambíguas, com o universo sônico de seu cotidiano. Assim, surgiram desde narrativas que revelam que pertencer ao mundo é fazer deste ambiente sonoro até àqueles que demonstraram uma forte repugnância pela paisagem sonora urbana. Vale dizer que não foram feitas perguntas à respeito da *paisagem sonora urbana* – a medida que esta não era uma preocupação da pesquisa originalmente – salvo perguntas específicas em relação à importância ou não da música na vida do jovem entrevistado.

Também notamos uma forte articulação entre a *paisagem sonora* e as temáticas da pesquisa, já que os sons, em suas especificidades contextuais, podem revelar desde situações de consumo, como a própria experimentação da violência e as concepções de vida e morte dos jovens urbanos. Por isso, por exemplo, nas práticas de sociabilidades juvenis, é marcante o consumo por CDS, camisetas de ídolos da música, shows, festas,

baladas etc. Da mesma forma, dadas paisagens sonoras, explícitas ou implícitas, revelam o cotidiano violento das cidades contemporâneas. O jornalismo sensacionalista, o som de tiros, as brigas, as músicas com temas do cotidiano violento, por exemplo, fazem parte do universo sônico imaginário dos jovens. Além disso, não podemos deixar de lembrar que os sons no universo juvenil são passíveis das mais diversas interpretações em suas narrativas. Neste sentido, um mesmo ídolo musical ou determinada música pode representar tanto a vida quanto à morte para estes jovens urbanos.

A experimentação da urbanidade

Percebeu-se como fundamental, ao longo da pesquisa, demarcar conceitualmente os modos de viver e de ser destes jovens em um grande centro urbano, ancorando-se no cruzamento de dados obtidos a partir de diferentes instrumentos de coleta. Ganharia destaque, neste caso, o mapeamento de sua vivência da urbanidade e, igualmente, o rastreamento das representações que dela fazem. As tessituras urbanas foram concretamente identificadas às formas por meio das quais jovens brasileiros elaboram narrativas de si e dos outros.

É desde esta urbanidade que vislumbram suas possibilidades presentes e futuras e também com ela se constroem mecanismos de afirmação de suas subjetividades. O devir urbano aparece associado a vivências paradoxais. Ora tomado como abstração, ora lido em suas literais materialidades, articula um quadro referencial importante na atuação juvenil. São Paulo, especificamente, aparece associada a declarações de amor e ódio, ambos irrestritos. Circulando pela cidade, por necessidade laboral ou prazer hedônico, os meninos e meninas estudados expressam uma consciência bastante fina das implicações de viverem nesta metrópole. Medo e possibilidades. Fluxo e inércia. Acesso e exclusão. O lugar simbólico da “metrópole que não pode parar” é por eles assumido, embora esta afirmação não signifique a adesão acrítica a este lugar.

As paisagens urbanas, como se pode imaginar, são os espaços macro sociais que oferecem suporte às já citadas paisagens imagéticas e sonoras. Objeto de vários artigos publicados pela equipe desta pesquisa, os resultados deste eixo de investigação seria retomado, como se verá a seguir, na investigação das novas politicidades juvenis, e, não por acaso, são eles também norteadores significativos no foco que se assumiria, a seguir: as ações de base estético-cultural.

Novas politicidades: ações estético-culturais e novas formas de participação política (2007/2010)

A partir de 2007 a investigação passou a vincular-se ao grupo de trabalho sobre juventude da CLACSO “Juventud y nuevas prácticas políticas em America Latina”¹⁵ com o objetivo de analisar novas práticas políticas juvenis no Brasil. Fundada em uma demarcação histórica – marcos e acontecimentos relativos às décadas de 1960 a 2000 –, o trabalho se organizou, em 2008, ao redor da constituição de um estado da arte envolvendo cinco eixos teórico-metodológicos assim definidos: campo teórico (marcos da produção acadêmica sobre juventude); políticas públicas (marcos de produção de uma legislação para a juventude); acontecimentos estético-culturais; consumo, mídias e culturas juvenis; e jovens indígenas no Brasil¹⁶. Foram construídas cartografias capazes de responder pela questão fundamental que conecta esta proposta ao grupo de investigadores da CLACSO: quais são as práticas políticas – novas e originais – de jovens e coletivos juvenis na América Latina? Cada um dos eixos apresentou uma explicitação teórica e metodológica, uma análise dos dados coletados e uma avaliação de tendências gerais e singulares sobre a temática.

O embasamento teórico conceitual fundamentou-se na noção de “acontecimento” aqui problematizada de forma sintética no diálogo entre as perspectivas de Michel de Certeau e Jesús Martín-Barbero. Para tanto, retoma-se primeiramente a síntese de Luce Giard (1994:11-12) para que se explicita o sentido atribuído por Certeau (1994) à noção de acontecimento:

Este novo papel social nasceu de sua [Certeau] surpreendente capacidade de analisar, ao vivo, entre maio e setembro de 1968, o turbilhão dos “acontecimentos” [...] apresentou desse tempo de incerteza uma leitura acolhedora da mudança [...] Procurou não propor soluções, nem apresentar diagnóstico definitivo que encerrasse o futuro, mas, sobretudo compreender o que estava acontecendo. Toma por objeto não a espuma dos dias, o desconcerto e a confusão do discurso político, as lamentações de uns, as censuras dos outros, mas o sentido oculto daquilo que, mais profundo, e ainda misterioso, se manifesta essencial em uma grande confusão de palavras.

¹⁵ Cf. <http://www.clacso.org.ar/difusion/secciones/programa-regional-de-grupos-de-trabajo/documentos-de-los-grupos/memoria-del-gt-juventud-y-nuevas-practicas-politicas>.

Equipe de pesquisa: Sílvia Helena Simões Borelli (PUCSP), Rosamaria Luiza de Melo Rocha (ESPM/PUCSP), Rita Alves Oliveira (PUCSP/SENACSP), Marcos Rodrigues de Lara (PUCSP), Lucia Helena Vitalli Rangel (PUCSP) e dos bolsistas PIBIC/CNPq/PUCSP Euzébio Santos Silva, Ana Carolina V. Laguna, Ariane Aboboreira, Maria Carolina Fernandes. Com a parceria acadêmica estabelecida entre PUCSP/ESPMSP, via projeto de pesquisa “Consumo, cena midiática e culturas juvenis no Brasil: marcos históricos e tendências contemporâneas”, coordenado na ESPM, por Rosamaria Luiza de Melo Rocha, participaram o mestrando Daniel B. Portugal e o assistente de pesquisa Lucas Bonini.

¹⁶ Os resultados desta etapa da investigação foram apresentados no Tercer Encuentro Internacional do Grupo de Trabajo da CLACSO “Juventud y nuevas prácticas políticas em America Latina”.

E, em seguida, assumiu-se o contraponto de Martín-Barbero (2004:85) que alerta para os cuidados que os pesquisadores devem tomar para que o acontecimento histórico não se perca nas armadilhas da consagração, do sucesso, da casualidade:

[...] o acontecimento é o que pertence por natureza a uma das categorias bem claramente delimitadas pela razão histórica – o político, o social, o científico, o literário, o internacional, o nacional, o local etc. – e, portanto, aquilo que está inscrito em alguma das rubricas do diário; o sucesso seria o contrário: o inclassificável desde o ponto de vista da história, aquilo que o azar, a casualidade se confunde com a causalidade.

Nesse sentido, o que aqui se propôs não se reduziu à elaboração de um mapeamento quantitativo, evidente ou “casual” desta produção, mas a metodologia baseou-se na construção de uma cartografia qualitativa, em busca de algumas “razões históricas” capazes de responder por oscilações e descentramentos teórico-conceituais: que concepções de juventude se apresentam nesta linha do tempo? Que “espíritos do tempo” marcam, em cada momento de uma “história em movimento” (Morin, 1984: 166; 167; 184), as afirmações e os estigmas que fizeram dos jovens e das juventudes um tema e um problema a ser deslindado? O objetivo foi permitir que esta cartografia explicitasse as múltiplas noções de juventudes construídas nas dinâmicas da história brasileira, assim como sinalizasse os principais temas que permeiam esta categoria social quando analisada em suas singularidades.

A próxima etapa de trabalho (2009-2010) tem o objetivo de analisar ações culturais de jovens urbanos, considerando-as como lócus privilegiado de ação política e de cidadania na contemporaneidade; privilegia-se a dimensão cultural para a compreensão da política: que as práticas políticas juvenis encontram-se, hoje, mais no cotidiano que nas instituições.

Reitera-se a proposta de adoção de um olhar investigativo, interdisciplinar e multimetodológico, capaz de mapear e interpretar as dimensões políticas, antropológicas e comunicacionais de atividades e processos culturais/políticos diretamente propostos por jovens urbanos ou coletivos juvenis na cidade de São Paulo. Considera-se o cotidiano e as experiências vividas como indicadores privilegiados na compreensão da política e dos conflitos sociais, econômicos e políticos, dentro do campo cultural. Assume-se, com Antonio Gramsci (1986) e Raymond Williams (1992; 1997), uma concepção de cultura como forma particular de vida e de conflito, como práticas simbólicas de resistência e contestação, presentes em todos os aspectos da vida cotidiana; aí se incluem as atividades artísticas e intelectuais, os produtos culturais e suas formas de produção e de apropriação e as negociações e lutas pela constituição das

hegemonias. A dimensão estética, como já apontou Bakhtin (1993), não é apenas uma experiência individual, mas essencialmente coletiva.

No mesmo sentido, a seleção dos produtos e das ações culturais que serão objeto desta nova etapa de investigação privilegia aqueles que impliquem em inserção do jovem em processos de visibilidade sócio-cultural; ações de efeito multiplicador que disparem processos de vinculação, conexões, intercâmbios, trocas entre indivíduos e grupos e que estimulem a partilha de modos de ser, visões de mundo, estilos de vida e referenciais estéticos, comportamentais, políticos, entre outros.

A ampliação e sistematização do levantamento das ações culturais juvenis na cidade de São Paulo têm como ponto de partida as ações de grupos e coletivos juvenis, com perfis auto-organizativos, auto-gestionários e extra-institucionais, por meio de diferentes articulações estéticas, políticas e de ações culturais cidadãs, entre elas: arte urbana, grafítis, música, usos das tecnologias, política e crítica da política, julgamento da mídia, textos, narrativas, fanzines, dança, capoeira, apropriações do corpo (tatuagens, modificações corporais e suspensões) e práticas alimentares, discussões de gênero, orientações sexuais e recortes étnicos. Considera-se que estas práticas e produções culturais podem representar aspectos emergentes no cenário político contemporâneo; envolvem, segundo Williams (1992) os novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação que estão sendo continuamente criados (Oliveira, 2007).

Este recorte estético e cultural evidencia, por um lado, a presença e o protagonismo juvenil e, por outro, a ressonância que tem sobre os jovens e as culturas juvenis. A ênfase principal encontra-se na cultura como prática cotidiana e experiência vivida que envolve a produção e o consumo de bens culturais (Certeau, 1994; Garcia Canclini, 1995), assim como a dimensão sensível que compreende a apreensão e a representação dessas experiências cotidianas (Martín-Barbero e Rey, 2001). Estes aspectos são centrais para o entendimento do jovem contemporâneo e também dos processos de constituição do protagonismo das culturas juvenis do ponto de vista da produção e apropriação culturais, das transformações políticas e sociais que se atrelam aos jovens por meio das suas atividades e produções culturais. Considera-se ainda a importância da cultura e da estética nas práticas políticas e na construção da cidadania juvenil (Reguillo, 2003) estruturada por e estruturante de práticas de apropriação da cidade e dos corpos (Oliveira, 2007b). Ainda neste sentido, constata-se que são inúmeros e por vezes paradoxais os sentimentos juvenis desenhados a partir do que

seriam, para alguns jovens brasileiros, as demarcações que a intensa e conflituosa vida metropolitana confere à sua existência; as representações que estes jovens fazem da cidade alimentam-se, de modo significativo, de profusas interconexões entre visualidades e construções imaginárias (Oliveira, 2008). É nesta dinâmica que os jovens se constituem como sujeitos, como produtores: apropriando-se da cidade, construindo-se visualmente, agenciando o próprio corpo, apoderando-se das tecnologias, propondo alternativas aos valores e às práticas culturais e sociais dominantes e, principalmente, participando ativamente das disputas hegemônicas em curso que representam processos ativos, formativos e transformacionais.

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BAKHTIN, Mikhail (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Ed. da Univ. de Brasília.
- BAKHTIN, Mikhail (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, Mikhail (1993). *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Unesp/Hucitec.
- BENJAMIN, Walter (1989). *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- BORELLI, Silvia Helena Simões e RAMOS, José Mario Ortiz (1985). "Os office-boys e a metrópole: lutas, luzes e desejos". In: *Desvios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. nº 4.
- BORELLI, Silvia Helena Simões (2000). "Jovens em São Paulo: lazer, consumo cultural e hábitos de ver TV". In: *Nômadas. La singularidad de lo juvenil*. Bogotá: DIUC. nº 13.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo (2003). "Universalidades e singularidades juvenis: cotidiano, nomadismo, consumo cultural". In: *Eco-Pós*. Rio de Janeiro: Compós, vol. 6, nº 1.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo (2004). "Urbanas juvenilidades: modos de ser e de viver na cidade de São Paulo". In: *Margem*. São Paulo: EDUC/CNPq. nº 20.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo (2005). "Temporalidades e territorialidades juvenis em uma metrópole brasileira". In: *Nômadas. Jóvenes contemporáneos: entre la heterogeneidad y las desigualdades*. Bogotá: IESCO, nº 23.
- BORELLI, Silvia Helena Simões (2006). "Jovens e juventudes". In: *Harry Potter. Campo literário e mercado, livros e matrizes culturais*. Tese (Livre Docência em Antropologia) – Departamento de Antropologia/Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, PUCSP. São Paulo.
- BORELLI, Silvia Helena Simões et alii (2007). "Jovens, juventudes". In: *ProJovem Adolescente*. Instituto de Estudos Sociais (IEE/PUCSP)/Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS). Secretaria Nacional de Assistência Social. Departamento de Proteção Social Básica. São Paulo/Brasília. www.mds.gov.br/suas/guia_protecao/projovem/caderno_de_concepcao.pdf/view e www.mds.gov.br/suas/guia_protecao/projovem/concepcao_fundamentos.pdf/view
- BORELLI, Silvia Helena Simões e OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2008). "Vida na metrópole: comunicação visual e intervenções juvenis em São Paulo". In: *Ecós urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas*. Angela Prysthon e Paulo Cunha (orgs), Porto Alegre: Sulina.

- BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo (2008). “Juventudes, midiaticizações e nomadismos: a cidade como arena”. In: *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo: ESPM, nº 5.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João (2008). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.
- BORELLI, Silvia Helena Simões (2008). “Cenários juvenis, adultescências, juvenilizações: a propósito de Harry Potter”. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João. *Culturas juvenis no século XXI*, São Paulo: Educ.
- BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves, et alii (2009). *Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação*. São Paulo: Paulinas (livro no prelo).
- BOURDIEU, Pierre. (1991) *La distinción*. Madrid: Taurus.
- BOURDIEU, Pierre (1998). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CERTEAU, Michel de (1994). *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CERTEAU, Michel de (1995). *A cultura no plural*. Campinas: Papirus.
- Dossiê Universo Jovem III* (2005). São Paulo: MTV.
- CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (orgs.) (1998). *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC.
- FEATHERSTONE, Mike (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor (1990). *Culturas híbridas*. México: Grijalbo.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor (1995). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- GIARD, Luce (1994). “História de uma pesquisa”. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, p. 9-32.
- GRAMSCI, Antônio (1986). *Literatura e vida nacional*. São Paulo: Civilização Brasileira.
- GRAMSCI, Antônio (2000). *Cadernos do Cárcere. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques (ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- HOGGART, Richard (1973). *As utilizações da cultura*. Lisboa: Editorial Presença.
- IBASE/POLIS (2005). *Juventude brasileira e democracia: participação esferas e políticas públicas – Relatório Final*. Novembro. <http://www.polis.org.br>.
- LOPES, M. Immacolata Vassalo; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha (2002). *Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus.
- MAFFESOLI, Michel (1987). *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- MAFFESOLI, Michel (2000). “Nomadismo juvenil”. *Revista Nômadias*. Bogotá: DIUC, nº 13, out.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (1997a). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e comunicação*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (1997b). “A cidade virtual – transformações da sensibilidade e novos cenários da comunicação”. In: *Margem*. São Paulo: EDUC/FAPESP, nº 6, dez.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (1998). “Arte/comunicação/tecnicidade no final do século”. In: *Revista Margem*. São Paulo: EDUC/FAPESP, nº 8, dez.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán (2001). *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2004). *Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola.
- MORIN, Edgar (1975). *O enigma do homem*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MORIN, Edgar (1976). *O homem e a morte*. Lisboa, Portugal: Europa-América.
- MORIN, Edgar (1984). *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo I. Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2008). “A vida (nem tão secreta) dos pixadores de São Paulo: festas, roles, tretas e amizades”. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João. *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2007). “Lendo a metrópole comunicacional: culturas juvenis, estéticas e práticas políticas”. *Dialogos de la comunicación*. FELAFACS, n 75. Disponível em http://www.dialogosfelafacs.net/75/articulo_resultado.php?v_idcodigo=49&v_idclase=10
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2007a). “O corpo jovem: razão, estética e êxtase entre a natureza e cultura”. In: GARCIA, Wilton. (Org.). *Corpo e mediação*. São Paulo: Ensino Profissional.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2007b). “Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole”. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo: ESPM, v. 4.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2006). “Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico”. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e juventude*. São Paulo: Cortez.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2005). “Cibercultura, cultura audiovisual e sensorium juvenil”. In: LEÃO, Lúcia. (Org.). *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. 1 ed. São Paulo: Senac.
- REGUILLO, Rossana (1998). “El año dos mil. Ética, política e estéticas: imaginarios adscripciones y prácticas juveniles. Caso mexicano”. In: CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC.
- REGUILLO, Rossana (2003). *Ciudadanías juveniles em América Latina. Última Década*. Chile: Viña del Mar.
- ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo (1992). *A vertigem do olhar. Manifestações grafitadas e transformações na comunicação, no espaço e no tempo urbanos*. São Bernardo do Campo: IMS. Dissertação de mestrado.
- ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo (1998). *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. São Paulo: ECA/USP. Tese de doutorado.
- ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo e SILVA, Josimey Costa (2008). “Cultura juvenil, violência e consumo: representações midiáticas e percepções de si em contextos extremos”. In: BORELLI, Silvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João. (2008). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.
- SCHAFFER, Murray (1991). “A nova paisagem sonora”. In: *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, p. 119-205.
- SPOSATI, Aldaíza (coord.) (2000). *Mapa da Exclusão/Inclusão Social da cidade de São Paulo/2000*. São Paulo.
- WILLIAMS, Raymond (1992). *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- WILLIAMS, Raymond (1997). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.